

# ATRITO, PERCEPÇÃO E OS LIMITES DA GUERRA

*A guerra russo-ucraniana entrou em uma fase paradoxal: a paz é o objetivo declarado, mas a lógica estratégica é o desgaste. A vitória dependerá não de conquistas rápidas, mas de qual lado preservará sua capacidade militar, coesão e resistência política a longo prazo.*

**Gabriel Camilli\***



*Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.*

**D**epois de quatro anos e meio da fase aberta da Guerra Russo-Ucraniana, o conflito parece ter entrado em uma etapa paradoxal. Todos falam em negociações, mas nenhum dos principais protagonistas parece disposto a negociar por enquanto. Vladimir Putin e Volodymyr Zelensky compartilham, embora por razões diferentes, a mesma convicção: qualquer acordo será mais favorável se conseguirem, antes, melhorar sua posição militar.

Essa realidade explica por que a guerra se prolonga, apesar dos esforços diplomáticos, da mediação internacional e do crescente desgaste das sociedades envolvidas. A paz permanece como um objetivo declarado, mas a lógica estratégica dos beligerantes aponta para a direção oposta. Enquanto isso, o conflito continua a evoluir.

## CONQUISTA IMEDIATA

A campanha russa de 2026 na Ucrânia parece seguir uma lógica operacional coerente; seu objetivo principal não é a conquista imediata de cidades ou a obtenção de vastos ganhos territoriais, mas a aniquilação progressiva da força militar ucraniana posicionada no Donbass.

Sob essa ótica, Moscou conduz uma guerra de atrito destinada a destruir brigadas, esgotar reservas, degradar capacidades logísticas e corroer a coesão do sistema defensivo ucraniano. Segundo nossa análise, o principal esforço operacional concentra-se na área de Sloviansk-Kramatorsk. O objetivo final é provocar o colapso operacional do complexo defensivo formado por Sloviansk, Kramatorsk, Druzhkivka e Kostyantynivka, considerado o último grande reduto ucraniano no centro do Donbass.

A campanha desenrola-se por meio de vários esforços operacionais simultâneos.

Ao norte, o eixo de Krasny Liman busca fixar as forças ucranianas, avançar em direção a Borova e limitar a capacidade de Kiev de deslocar reforços para outros setores críticos. A pressão constante nessa zona obriga o comando ucraniano a manter reservas significativas empenhadas, reduzindo, assim, sua flexibilidade estratégica.

O esforço principal parece ocorrer no setor central. O objetivo dessas operações não seria necessariamente a conquista imediata das cidades, mas sim o corte progressivo de suas linhas de logística e comunicação, dificultando o reabastecimento, a rotação de tropas e a movimentação de reservas.

Essa lógica segue um princípio clássico da arte operacional: um sistema defensivo pode ser mais vulnerável quando isolado do que quando submetido a um ataque frontal. Simultaneamente, no setor sul da frente de batalha, o Comando Operacional do Leste conduz operações ao longo dos eixos Huliaipole-Orikhiv. O objetivo, nesse caso, parece ser a destruição de formações ucranianas posicionadas na região de Zaporizhzhia, mediante uma combinação de pressão frontal, ataques de precisão e interdição logística.

Esse esforço seria complementado por operações do Comando Operacional do Dnieper, encarregado de intensificar a pressão sobre a margem leste do rio, degradar as defesas ucranianas e contribuir para uma ameaça futura à cidade de Zaporizhzhia. A convergência dessas ações forçaria a Ucrânia a dispersar suas reservas estratégicas por múltiplos setores simultaneamente, dificultando a estabilização da frente e reduzindo a capacidade de resposta operacional do comando ucraniano.

## SUCESSO DA CAMPANHA

A lógica geral da campanha pode ser resumida em uma sequência relativamente simples: a destruição de brigadas e equipamentos de combate; o desgaste da logística e do suprimento; o esgotamento das reservas; a degradação do sistema defensivo; o isolamento operacional de áreas-chave e, por fim, a negociação a partir de uma posição de força.

Conseqüentemente, o sucesso da campanha não deve ser medido apenas pelo território conquistado ou por cidades específicas capturadas, mas sim pela capacidade de cada lado de sustentar o esforço de guerra, repor perdas e manter a coesão da força.

Sob essa ótica, a guerra na Ucrânia assemelha-se cada vez mais a uma disputa de resistência nacional. Embora a tecnologia, os drones, a guerra eletrônica e os mísseis de precisão desempenhem um papel fundamental, eles permanecem subordinados a uma realidade estratégica clássica: a vitória geralmente cabe ao lado que melhor preserva sua própria capacidade de combate, ao mesmo tempo em que desgasta com maior eficácia a capacidade do adversário. Por essa razão, a batalha de 2026 não parece girar exclusivamente em torno de Kostyantynivka, Krasny Liman ou Orekhov. O que está em jogo é a sobrevivência ou o colapso do sistema defensivo ucraniano no Donbass e, com isso, a capacidade de Kiev de continuar sustentando a guerra em condições favoráveis nos anos vindouros.

A dimensão psicológica assume, aqui, uma importância fundamental.

Quando drones ucranianos atingem alvos próximos a Moscou, o efeito pretendido vai além da esfera militar. O objetivo é semear dúvidas entre o público russo, desafiando a imagem de controle absoluto projetada pelo Kremlin. A história oferece inúmeros exemplos de tais operações; a meta não é apenas destruir alvos, mas influenciar percepções, expectativas e o sentimento público.

A guerra moderna não é mais travada exclusivamente em terra, no mar ou no ar, nem apenas no espaço ou no ciberespaço. Ela também ocorre no domínio cognitivo. É precisamente aqui que ganha relevância o que chamamos de “Névoa da Guerra 2.0”. Clausewitz descreveu a “névoa” como a incerteza inerente ao combate. No século XXI, essa incerteza se ampliou; ela não afeta mais apenas os comandantes no campo de batalha, mas também governos, a mídia e sociedades inteiras.

O desafio atual reside não apenas em saber o que está acontecendo, mas em compreender por que isso ocorre e como interpretá-lo.

Nesse contexto, é significativo que investigações jornalísticas ocidentais tenham revelado a

profunda cooperação existente entre as agências de inteligência dos EUA e da Ucrânia desde 2014. A existência de uma infraestrutura de inteligência desenvolvida ao longo de anos demonstra que o conflito não surgiu espontaneamente em fevereiro de 2022. Havia um confronto estratégico preexistente, caracterizado pela rivalidade geopolítica, pelo fortalecimento de capacidades militares e por uma crescente sensação de ameaça entre todos os atores envolvidos.

Reconhecer esse histórico não implica justificar a decisão da Rússia de iniciar operações militares em 2022. Significa apenas compreender que conflitos internacionais raramente se prestam a explicações simples ou lineares. Explicar não é justificar; compreender não é aprovar.

A guerra na Ucrânia é um exemplo clássico de como as percepções podem se tornar tão importantes quanto os fatos materiais.

Para Moscou, a expansão de estruturas ocidentais em direção às suas fronteiras representava uma ameaça estratégica crescente. Para Kiev, a cooperação com o Ocidente era uma garantia indispensável de sobrevivência. Para Washington, o conflito oferecia uma oportunidade de limitar o poder russo sem comprometer suas próprias tropas. Para a Europa, a situação parecia, inicialmente, um desafio de segurança regional.

Quatro anos depois, os resultados são muito mais ambíguos.

A Europa enfrenta pressões crescentes nas esferas econômica, energética e industrial. A Rússia sofreu perdas significativas, mas demonstrou uma resiliência maior do que muitos analistas ocidentais previam. A Ucrânia continua a lutar com determinação, embora a um custo humano extraordinário. Os Estados Unidos acompanham o desenrolar do conflito enquanto concentram cada vez mais a atenção na competição estratégica com a China.

Nesse contexto, surge uma questão incômoda: até que ponto os diversos atores avaliaram corretamente os riscos de escalada?

Durante a Guerra Fria, havia uma compreensão relativamente clara dos limites impostos pela dissuasão nuclear. Hoje, esses limites parecem mais difusos. O fornecimento de armamentos de longo alcance, a crescente integração da inteligência ocidental e a expansão dos cenários de confronto criam novas incertezas. O perigo principal não reside necessariamente em uma decisão deliberada de iniciar uma grande guerra. A história mostra que muitas crises internacionais evoluíram devido a erros de cálculo, equívocos ou interpretações errôneas das intenções de um adversário. E, quando potências nucleares começam a agir com base em equívocos, os riscos assumem uma dimensão completamente diferente.

É por isso que a questão central já não parece ser quem vencerá a próxima batalha ou conquistará a próxima cidade. O ponto decisivo é se os atores envolvidos conseguirão encontrar uma saída política antes que o desgaste acumulado e a dinâmica da escalada conduzam a consequências incontrolláveis.

A história nos ensina que as guerras terminam quando as partes envolvidas concluem que continuar lutando é mais custoso do que negociar. No entanto, chegar a esse ponto exige compreender as “linhas vermelhas” traçadas por todos os principais atores, inclusive aqueles com quem se tem profundas divergências.

Sob uma perspectiva argentina, a principal lição desta guerra não reside nem na disputa territorial pelo Donbass, nem nas controvérsias ideológicas que dominam o debate internacional. A lição mais importante é compreender que o poder nacional, no século XXI, continua a basear-se em elementos clássicos: coesão social, capacidade industrial, autonomia tecnológica, segurança energética, resiliência logística e vontade política.

A tecnologia transformou a maneira como a guerra é travada, mas não eliminou as verdades fundamentais da estratégia.

Como ocorreu tantas vezes na história, o desfecho final continuará a depender da combinação de recursos materiais, liderança política e vontade de resistir. A infantaria – o soldado individual em campo – continua a determinar o resultado tático das batalhas. Contudo, o resultado estratégico dependerá de algo mais profundo: qual nação mantém a maior capacidade de sustentar o esforço de guerra, repor suas baixas e preservar sua vontade política. A vitória não caberá necessariamente ao lado que avançar mais rapidamente, mas àquele que resistir por mais tempo. E é precisamente nesse campo que não parece haver solução à vista.

*Publicado no [La Prensa](#).*

---

*\*Gabriel Camilli é coronel mayor da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.*

---